

## MÉTODO(S) EM GEOGRAFIA\*

Eduardo Paulon GIRARDI\*\*  
Emanuel Martins dos REIS\*\*\*  
Fabrício da Mata LUCAS\*\*\*\*

**Resumo:** Este texto foi desenvolvido durante uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Geografia e é uma tentativa de reunir e apresentar de maneira sintética a visão de alguns autores acerca dos três principais métodos científicos utilizados na Geografia: o Positivismo, o Materialismo Histórico-Dialético e a Fenomenologia. Além disso, o texto aborda as correntes teóricas da Geografia ligadas a cada um desses métodos, bem como a concepção de espaço de cada uma dessas correntes.

**Palavras-chave:** Geografia; método; positivismo; materialismo histórico-dialético; fenomenologia; espaço.

**Resumen:** Este texto se desarrolló durante una disciplina del Programa de Pós-Grado en la Geografía y es un esfuerzo de reunir y presentar de una manera sintética la visión de algunos autores acerca de los tres métodos científicos principales usó en la Geografía: el Positivismo, el Materialismo Histórico-Dialético y la Fenomenología. Además, el texto aborda las corrientes teóricas de la Geografía vinculadas a cada uno de esos métodos, bien como la concepción espacial de cada uno de esas corrientes.

---

\* Texto elaborado como trabalho final da disciplina "O tempo, o espaço e o território: uma questão de método", ministrada pelo Prof. Dr. Marcos Aurélio Saquet no primeiro semestre de 2004 no curso de pós-graduação em Geografia da FCT/Unesp – Campus de Presidente Prudente.

\*\* Doutorando do curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT/Unesp – Campus de Presidente Prudente. E-mail: [girardi@estudante.prudente.unesp.br](mailto:girardi@estudante.prudente.unesp.br)

\*\*\* Mestrando do curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT/Unesp – Campus de Presidente Prudente. E-mail: [manuelounesp@yahoo.com.br](mailto:manuelounesp@yahoo.com.br)

\*\*\*\* Mestrando do curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT/Unesp – Campus de Presidente Prudente. E-mail: [fabricao.m.lucas@bol.com.br](mailto:fabricao.m.lucas@bol.com.br)

**Palabras-clave:** Geografia; método; positivismo; materialismo histórico-dialéctico; fenomenologia; espacio.

## 1. Introdução

Para tecermos uma discussão sobre os principais métodos presentes nas ciências humanas, mais especificamente na Geografia, é necessário, como destaca Sposito (2000), enfatizar três pressupostos que vão se disseminar em três abordagens que discutirão o método de forma diferenciada. Esses pressupostos compreendem historicamente à metafísica, na qual o sujeito transcende e se submete ao objeto; ao positivismo ou “ciência” propriamente dita, em que o objeto se submete ao indivíduo e existe um momento lógico experimental; e por fim à dialética, na qual sujeito e objeto vão se constituir reciprocamente, o sujeito passa a ser visto como ser histórico que trabalha na construção de uma práxis criadora.

Alguns estudos na atualidade estabelecem uma nova nomenclatura ou então classificação teórico-metodológica dos métodos. São exemplos os trabalhos de Sposito (2000), Sposito et al. (1998) e Gamboa (1991), os quais atribuem novos nomes aos métodos. Utilizaremos neste trabalho a nomenclatura tradicional: Positivismo, Materialismo Histórico-Dialético e Fenomenologia.

De acordo com as diversas concepções e paradigmas que contemplam a consolidação da Geografia enquanto ciência moderna torna-se possível destacar a forte conotação dada ao espaço, sendo este concebido por muitos pesquisadores como objeto desta ciência. Sendo assim, abordaremos a forma como as correntes do pensamento geográfico pertencentes a cada um dos métodos apresentados concebe o espaço.

## 2. O que é método?

Fazer ciência pressupõe o uso de um método que orienta toda a investigação do pesquisador e a compreensão de quem se aventura na leitura de determinado texto científico. Simanek (2002) em seu texto sobre o método científico afirma que este é um conjunto de regras práticas e gerais para fazer ciência e que os cientistas aprendem

tais regras através da tentativa e do erro durante seu trajeto pela história da ciência.

Etimologicamente a palavra método “compreende o caminho para construir e alcançar dito conjunto.” (BRUGGER, 1969, p. 271)

Sposito et al. (1998) definem os métodos como sendo “procedimentos básicos que servem para alcançar os fins da investigação. São procedimentos suficientemente abrangentes que se tornam comuns a todas as ciências.”

Já Abbagnano (2000) afirma que a palavra método possui dois significados. Um primeiro significado seria qualquer pesquisa ou orientação de pesquisa e não se distinguiria de investigação ou doutrina. Outro seria uma técnica particular de pesquisa, sendo mais restrito, significaria um procedimento de investigação organizado.

Para UNESCO/FGV (1896) o método científico:

[...] alude ao caminho ou guia da atividade que mereça o qualificativo de científico. [...]. Naturalmente, costuma-se empregar a expressão com algumas variações [...]. É corrente falar-se de método, por exemplo a proposta da dedução – método dedutivo – [...]. Comum a todos os usos da palavra, método é a referência a uma série de atividades ordenadas e encaminhadas com o objetivo de chegar a um resultado. Quando o resultado procurado é a aquisição de um conhecimento ou sua transmissão, fala-se de métodos teóricos. (SACRISTAN apud UNESCO, 1986, p.752)  
O método científico aponta para um conhecimento mais generalizado e abrangente – a teoria científica. (UNESCO/FGV, 1986, p.752)

Japiassu e Marcondes definem o método como sendo um:

Conjunto de procedimentos racionais, baseados em regras, que visam atingir um objetivo determinado. Por exemplo, na ciência, o estabelecimento e a demonstração de uma verdade científica. Por método, entendo as regras certas e fáceis, graças às quais todos os que as observam exatamente jamais tomarão como verdadeiro aquilo que é falso e chegarão, sem se cansar com esforços inúteis, ao conhecimento verdadeiro do que pretendem alcançar (Descartes).(JAPIASSU e MARCONDES, 1991, p. 166)

Acreditamos ter conseguido estabelecer até aqui, segundo os diversos autores, uma noção suficiente de método que subsidiará o trabalho.

### 3. Positivismo

O termo positivismo foi cunhado por Saint-Simon para designar o método exato das ciências, sendo que posteriormente foi adotado por Augusto Comte (ABBAGNANO, 2000), que escreveu a obra **Curso de filosofia positiva**. (COMTE, 1978) Nesta obra o autor se apresenta céptico, enfatizando a necessidade de observar, sendo que a explicação dos fatos resume-se na ligação estabelecida entre os diversos fenômenos particulares e alguns fatos gerais. (TRIVIÑOS, 1987) “As classificações dos fenômenos não devem ser realizadas a priori. Elas devem provir do próprio estudo dos objetos a serem classificados.” (COMTE apud TRIVIÑOS, 1987) O positivismo de Comte prega que esta corrente leva o homem ao saber, à exatidão, não à vaguidão filosófica.

O positivismo tem como característica:

[...] a romantização da ciência, sua devoção como único guia da vida individual e social do homem, único conhecimento, única moral, única, religião possível [...] ele acompanha e estimula o nascimento e a afirmação moderna e expressa a exaltação otimista que acompanhou a origem do industrialismo. (ABBAGNANO, 2000, p.776 - 777)

Abaixo temos algumas características do Positivismo:

1. O positivismo considera a realidade como formada por partes isoladas, o que se opõe à integridade e dialética. Essa visão possibilita a análise do mundo como se fosse formado por partes fixas.
2. O positivismo não aceita outra realidade que não sejam fatos observáveis, o que originou um problema relacionado com o estudo de estados mentais, os quais não são diretamente observáveis.
3. Ao positivismo não interessavam os fenômenos, pois isso seria potencializar muito a capacidade de conhecer do ser humano, era metafísico. Privilegiou a chamada “objetividade científica” exaltando o uso de questionários e técnicas estatísticas.

4. Essa característica objetiva eliminou muito a capacidade de análise e contribuição das ciências sociais para o estudo/serviço à sociedade. O pesquisador não estaria interessado em conhecer as conseqüências de seus achados. Isso teve como conseqüência a chamada **Neutralidade Científica**.

5. Um dos principais elementos do positivismo é a oposição à metafísica, também rejeitada pelo **Neopositivismo**.

6. O Positivismo lógico criou o **princípio da verificação** – só é verdadeiro aquilo que for empiricamente verificável.

7. O positivismo afirmava que haveria uma **unidade metodológica** para a investigação dos dados naturais e sociais, unificando os procedimentos de estudar a natureza e a sociedade.

8. O emprego do termo **variável** permitiu ao positivismo medir as relações entre os fenômenos e realizar generalizações, principalmente através de modelos matemáticos.

9. Alguns positivistas lógicos desenvolveram uma idéia denominada **fisicalismo** com a qual tentaram estabelecer uma linguagem única para toda a ciência.

10. Como nada poderia ser verdade sem poder ser testado, a tese kantiana era refutada, visto que ela visa que a consciência era capaz de conhecer antes de independente da experiência e aceitar como fidedigno o conhecimento a posteriori, obtido da percepção sensorial.

11. Foi estabelecida uma distinção entre valor e fato, sendo o valor uma expressão cultural, os valores do pesquisador não podiam constituir-se num conhecimento científico.

12. Os dois conhecimentos reconhecidos pelo positivismo eram o **empírico**: os achados das ciências naturais e o **lógico**: a lógica e a matemática. (TRIVIÑOS, 1987)

Algumas teses fundamentais do Positivismo são:

1. A ciência é o único conhecimento possível. A metafísica não tem valor;
2. O método da ciência é puramente descritivo, no sentido de descrever os fatos e mostrar as relações;

3. O método da ciência, por ser o único válido, deve ser estendido a todos os campos de indagação e da atividade humana. (ABBAGNANO, 2000)

Comte postulava uma idéia da necessidade de estabelecer uma união entre ciência e técnica, sendo que essa visão teve grande difusão nos EUA, influenciando a vida social e política. (TRIVIÑOS, 1987)

No que diz respeito à teoria:

[...] no positivismo, uma teoria compreende um conjunto de hipóteses e condições básicas que, se validadas empiricamente, assumem o status de leis, assim como a compreensão das estruturas da teoria da porção relevante do mundo empírico através de seu sistema de leis inter-relacionadas [...]. Dedução e especulação do conhecido (a teoria validada) para o deslocamento (a hipótese) direcionam a produção do futuro conhecimento. (JOHNSTON, 1994 apud SPOSITO et al., 1998)

No método positivista, existem outras correntes, também denominadas “métodos” e que possuem algumas peculiaridades dentro dos princípios gerais do positivismo. Aqui destacamos 4, que são: 1) hipotético-dedutivo; 2) indutivo; 3) análise síntese e; 4) experimental. Vejamos como Japiassu; Marcondes (1991) definem cada um deles.

O método **hipotético-dedutivo** seria o:

Método científico através do qual se constrói uma teoria que formula hipóteses, a partir das quais resultados obtidos podem ser deduzidos, e com base nas quais se podem fazer previsões que, por sua vez, podem ser confirmadas ou refutadas. É discutível até que ponto as teorias científicas realmente se constituem e se desenvolvem segundo o método hipotético dedutivo, uma vez que nem sempre há uma correspondência perfeita entre experimentos e observações, por um lado, e deduções, por outro. (JAPIASSU; MARCONDES, 1991, p.167)

Já o método **indutivo** é:

Aquele segundo o qual se estabelece uma lei geral a partir da observação e repetição de regularidades em casos particulares. Embora o método indutivo não permita o estabelecimento da verdade da conclusão em caráter definitivo, fornece, no entanto, razões para a sua aceitação, que se tornam mais seguras quanto maior o número de observações realizadas. A indução é assim essencialmente probabilística. Este método se torna importante na ciência experimental, sobretudo a partir da sua defesa por Francis Bacon [...]. (JAPIASSU; MARCONDES, 1991, p.167)

O método de **análise-síntese** é:

O que toma como ponto de partida o que se busca, procurando então estabelecer sua verdade, no que consiste e quais suas características. A análise é a decomposição do todo em suas partes constitutivas para examiná-las. Procede-se, assim, do complexo para o simples. A síntese é a reunião dessas partes para formar o todo, tendo-se esclarecido seu modo de constituição. (JAPIASSU; MARCONDES, 1991, p. 167)

Finalmente, o **método experimental** é:

Aquele que tem por base a realização de experimentos para o estabelecimento de teorias científicas, procedendo através da observação, da formulação de hipóteses e da verificação ou confirmação das hipóteses a partir de experimentos. É valorizado sobretudo nas concepções empiristas. (JAPIASSU; MARCONDES, 1991, p. 167)

Em suma, o método positivista se pauta numa relação causa/efeito, na qual o fenômeno ou ato é isolado em si como dado objetivo, sem historicidade, portanto visto de forma neutra e imparcial, onde a mente se adequa ao objeto para, a partir daí representá-lo, codificá-lo de forma objetiva. A ciência é abordada com base nesse método através de uma racionalidade baseada no modelo empírico/analítico, na experimentação. O homem é visto através de uma concepção tecnicista, como um ser inserido no modelo produtivo

e existe a ênfase na utilização de modelos estatísticos e técnica de coleta e análise de dados.

Esse método influenciou a formulação e consolidação da ciência geográfica desde as tradicionais Geografias Alemã e Francesa (determinista e possibilista, respectivamente), até as correntes mais recentes denominadas neopositivista, teórica e quantitativa, percebendo grande êxito com a Escola de Chicago que foi inspirada em leituras de economistas.

Esse método está presente no livro de Pierre George sobre o método em Geografia onde afirma que:

[...] parece difícil definir métodos que sejam peculiares à geografia, na mobilização dos documentos. A geografia constitui muito mais uma maneira de classificar, de ponderar e de qualificar os resultados brutos obtidos pela aplicação de métodos elaborados por ciências de características analíticas. (GEORGE, 1972, p. 39)

Hoje em dia, entretanto, uma ciência tem de afirmar sua superioridade através de sua capacidade de dominar e de empregar o número. De fato: uma situação qualquer não pode ser "qualificada" a não ser quando simultaneamente "quantificada". (GEORGE, 1972, p. 40)

Partindo da Geografia Tradicional que tem como pressuposto a doutrina do positivismo, apoiada no método hipotético-dedutivo, percebe-se que essa forma de pensar a Geografia partiu da descrição, enumeração e classificação dos fatos referentes ao espaço, sendo que, para Moraes (1987) essas etapas são momentos importantes para a compreensão do saber geográfico, mas não podem se limitar somente a essas, como se elas compreendessem toda tarefa do trabalho científico.

Para os precursores da Ciência Geográfica e formuladores da escola alemã Humboldt e Ritter, é enfatizada a análise empírica como forma de método, onde é valorizada a relação homem/natureza, sendo que a natureza determinaria as ações do homem. Ainda seguindo essa escola, mas com caráter mais humano, Ratzel formula uma relação estreita entre Estado e o espaço, onde é elaborado o conceito de

"espaço vital", que por sua vez justifica o território como condição de trabalho e existência de uma sociedade onde o aumento do território representaria o maior poder a uma determinada sociedade. Nesse âmbito, o método continuou sendo visto através do empirismo, se utilizando de procedimentos como observação e a descrição. (MORAES, 1987)

La Blache, precursor da escola francesa, nega "[...] a idéia de causalidade e determinação de Ratzel"; porém não rompe totalmente com o mesmo, em termos de método. Este autor propõe o método empírico indutivo, "[...] pelos quais só se formulam juízos a partir dos dados da observação direta, considera-se a realidade como o mundo dos sentidos, limita-se a explicação aos elementos e processos visíveis." (MORAES, 1987, p. 71-72)

A geografia tradicional, nas suas diferentes abordagens privilegiou os conceitos de paisagem e região. Neste período o espaço era associado à localização das atividades dos homens e aos fluxos, porém era secundário entre os geógrafos. Já na Geografia teórico-quantitativa, em particular, o espaço é considerado sob duas formas: através da concepção de planície isotrópica e através de sua representação matricial. (CORRÊA, 2003)

Avançando essa discussão, podemos destacar a Geografia Regional, a qual que ficou conhecida através do(s) pensamento(s) de Hettner e Hartshorne, sendo que marca um momento de transição no qual se inicia o rompimento com a Geografia Tradicional. Essa corrente apresenta menor carga empírica com relação às anteriores. Nela os conceitos básicos apresentados "[...] foram os de área e de integração, ambos referidos ao método." (MORAES, 1987, p. 88)

Com o movimento de renovação da Geografia, é possível enfatizarmos a Geografia Pragmática, que não rompe com os princípios da até então Geografia Tradicional, sendo que esta apresenta técnicas novas, através de um instrumental empírico mais abstrato e aplicado com base em dados e estatísticas. Surge em tão uma "Geografia Sistêmica ou Modelística", que passa a conceber o espaço como uma série de agrupamentos de dados ou modelos em torno de um determinado alvo. (MORAES, 1987)

#### 4. Materialismo histórico-dialético

Pode-se dizer que o marxismo compreende três aspectos principais: o materialismo dialético, o materialismo histórico e a economia política. Porém, para o marxismo a percepção materialista é muito importante e por isso deve-se recorrer à explicação do materialismo filosófico, o qual considera a matéria como aspecto primordial, ficando o espírito em segundo plano, pois a consciência seria um produto da matéria. Reconhece que a realidade existe independente da consciência. (TRIVIÑOS, 1987)

O **materialismo dialético** é a base filosófica do marxismo e como tal realiza a tentativa de buscar explicações coerentes, lógicas e racionais para os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento [...] talvez uma das idéias mais originais do materialismo dialético seja a de haver ressaltado, na teoria do conhecimento, a importância da **prática social** como critério de verdade. (TRIVIÑOS, 1987, p. 51)

O materialismo histórico é a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade. O materialismo histórico significou uma mudança fundamental na interpretação dos fenômenos sociais que, até o nascimento do marxismo, se apoiava em concepções idealistas da sociedade humana. [...] O materialismo histórico ressalta a força das idéias, capaz de introduzir as mudanças nas bases das economias que as originou. Por isso, destaca a ação dos partidos políticos, dos agrupamentos humanos etc. (TRIVIÑOS, 1987, p. 51)

O materialismo histórico esclarece quatro conceitos fundamentais:

1. **ser social**: que seriam as relações materiais dos homens com a natureza e entre si que existem em forma objetiva, isto é, independentemente da consciência; 2. **consciência social**: que são as idéias políticas, jurídicas, filosóficas, estéticas, religiosas etc; 3. **meios de produção**: que é tudo que o homem emprega para originar bens

materiais (máquinas, ferramentas, energia, matérias químicas etc); 4. **forças produtivas**: são os meios de produção, os homens, sua experiência de produção, seus hábitos de trabalho. (TRIVIÑOS, 1987)

De maneira muito geral, pode-se dizer que a concepção materialista apresenta três características importantes. A primeira delas é a da **materialidade do mundo**, isto é, todos os fenômenos, objetos e processos que se realizam na realidade são materiais, que todos eles são, simplesmente, aspectos diferentes da **matéria em movimento**. A segunda peculiaridade do materialismo ressalta que a **matéria é anterior à consciência**. Isto significa reconhecer que a consciência é um reflexo da matéria, que esta existe objetivamente, que se constitui numa realidade objetiva. E, por último, o materialismo afirma que o **mundo é conhecível**. (TRIVIÑOS, 1987, p. 52)

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos utilizados pelos marxistas, esses seriam tanto os procedimentos adotados no positivismo quanto na fenomenologia, sendo que os dados são utilizados em análises qualitativas. Os procedimentos seriam: técnicas de coleta de análise de dados de cunho marcadamente quantitativo com o uso de medidas e processos estatísticos dos mais simples aos mais sofisticados; testes padronizados; questionários estruturados a partir de respostas codificadas, permitindo tratamento informatizado, descrevendo-se o objeto através de gráficos, quadros, tabelas, correlações; abordagem de escalas diferenciadas sempre baseadas em modelos gráficos sintéticos e simplificadores. Ao mesmo tempo utiliza técnicas não quantitativas, como entrevistas livres, depoimentos, vivências, memórias, narrações, históricas de vida etc. (SPOSITO, 2000)

Segundo Japiassu e Marcondes (1991) uma abordagem dialética

na concepção clássica, sobretudo na interpretação platônica da filosofia socrática, o método dialético é aquele que procede pela refutação das opiniões do senso comum, levando-as à contradição, para chegar então à verdade,

fruto da razão. (JAPIASSU e MARCONDES, 1991, p. 167)

Esta abordagem histórico-crítico-dialética encontra-se pautada no método materialista histórico-dialético e tem na ação sua principal categoria. Esta ação é a materialidade do mundo e o seu movimento. Ela visa abordar esse movimento, a contradição interna presente em cada fenômeno ou objeto e também realizar uma crítica à abordagem estática da realidade, que passa a ser vista por meio de seu caráter conflitivo, dinâmico e histórico. A relação sujeito-objeto é construída através de sua interação, buscando-se obter a práxis que valida a ação do conhecimento. Nesse âmbito, o homem é concebido como ser histórico e social e a noção de historicidade é denominada como eixo fundamental. Portanto, a ciência é construída nesse método com o intuito de ressaltar que o conhecimento é empírico e objetivo, no movimento empírico-abstrato-concreto.

Esse método obteve forte influência na Geografia a partir da segunda metade da década de 70 e apresentou grande conotação econômica e histórica sob forte influência das obras de Marx.

Adentrando mais especificamente no movimento de renovação da Geografia temos a Geografia crítica que tem como base a abordagem histórico-crítico-dialética, enfocada através do método dialético.

Essa corrente apresenta uma forte crítica ao caráter ideológico da Geografia de até então:

[...] que via a organização do espaço de forma harmônica; via a relação homem-natureza, numa ótica que acobertava as relações entre os homens; via a população de um dado território, como um todo homogêneo, sem atentar para a sua divisão em classes. (MORAES, 1987, p. 113)

Moraes faz referência a Lacoste quando este destaca que “[...] é necessário saber pensar o espaço, para saber nele se organizar, para saber nele combater.” (LACOSTE, 1977 apud MORAES, 1987, p.116) Milton Santos também se refere ao espaço como a “[...] morada

do homem” que pode também vir a ser sua prisão. (SANTOS, 1978 apud MORAES, 1987, p. 117)

Na Geografia Crítica, o espaço é concebido como conceito-chave e, baseando-se os geógrafos críticos principalmente na obra de Lefebvre, o conceito de espaço passa agora a ser “concebido como o *locus* da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade.” (CORRÊA, 2003, p. 26)

Moraes ainda destaca que essa Geografia de denúncia não rompia com a análise regional tradicional em termos metodológicos, mantendo a descrição e a prática empirista. Porém acrescentando novos tópicos que buscavam não encobrir as contradições existentes no espaço a ser analisado. (MORAES, 1987)

## 5. Fenomenologia

A visão viva hoje da fenomenologia é a que foi colocada por Husserl, na qual desfez a confusão entre psicologia e fenomenologia, sendo que esclareceu que a fenomenologia é uma ciência de essência e não de dados de fato. Os resultados de Husserl podem ser assim resumidos: 1. o conhecimento do caráter intencional da consciência; 2. evidência da visão (intuição) do objeto devida a presença efetiva do objeto; 3. generalização da noção de objeto, que não compreende somente as coisas materiais, mas também as formas de categorias, as essências e os objetos ideais e; 4. caráter privilegiado da consciência que o eu tem das próprias experiências. (ABBAGNANO, 2000)

O método fenomenológico pode também ser chamado de fenomenológico-hermenêutico, devido à presença da hermenêutica, a qual:

[...] constitui uma reflexão filosófica interpretativa ou compreensiva sobre os símbolos e os mitos em geral [neste sentido,] as formas da cultura, no curso da história, devem ser apreendidas através da experiência íntima de um sujeito; cada produção espiritual é somente o reflexo de uma cosmovisão (*Weltanschauung*) e toda filosofia é uma filosofia de vida. (JAPIASSU; MARCONDES, 1991, p. 118)

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir a essência: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas também a fenomenologia é uma filosofia que substitui as essências na **existência** e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua "**facticidade**". É uma filosofia transcendental que coloca em "**suspensão**" para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas também uma filosofia segundo a qual o **mundo está sempre aí**, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço está em reencontrar esse contato ingênuo com o mundo para lhe dar enfim um status filosófico. (TRIVIÑOS, 1987, p. 43)

Sobre a importância da visão pessoal na fenomenologia, vejamos o que o autor abaixo escreveu:

Tudo o que sei do mundo, mesmo devido à ciência, o sei a partir de minha visão pessoal ou de uma experiência de mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significariam. Todo o universo da ciência é construído sobre o **mundo vivido** e, se quisermos pensar na própria ciência como rigor, aprecia exatamente seu sentido e seu alcance, convém despertarmos primeiramente esta experiência o mundo da qual ela é a expressão segunda. (MERLEAU-PONTY, 1972 apud TRIVIÑOS, 1987, p. 43)

Triviños (1987) define dois passos para o método fenomenológico. O primeiro é o que o autor chama de **questionamento do conhecimento**, que questiona as crenças e proposições sobre o mundo natural. Isso permite ao fenomenólogo a descrição do dado em toda a sua pureza, sendo que o dado aqui não é o empírico, mas sim a consciência intencional perante o objeto. O segundo passo é a **redução fenomenológica**, a qual não é o fenômeno psicológico da percepção do dado. Através da redução fenomenológica se questiona a existência mesma da consciência que elimina o que a ela é dado e se dirige a sustentar sua pureza intencional. E assim, segundo Husserl, surge a consciência pura. (TRIVIÑOS, 1987)

Ainda Triviños (1987) faz uma análise de algumas idéias da fenomenologia para assinalar as suas dificuldades e possibilidades.

- O primeiro elemento que o autor coloca é o caráter a-histórico deste método, o que tem causado críticas, principalmente dos pesquisadores de países subdesenvolvidos, que acreditam que os fatos históricos muito contribuíram para a situação atual.
- A descrição e apresentação da realidade como ela é, sem sua experiência pura, sem o propósito de introduzir transformações substanciais.
- Este método exalta a interpretação do mundo que surge intencionalmente à nossa consciência.
- A fenomenologia enfatiza o ator, a experiência pura do sujeito, ela desretifica o conhecimento em forma subjetiva.
- A característica ideológica, de lutas de classes e mudanças estruturais dos fatores não são abordados na fenomenologia.
- A fenomenologia tem questionado os conhecimentos do positivismo, elevando a importância do sujeito na construção do conhecimento. (TRIVIÑOS, 1987)

Quanto ao caráter metodológico da fenomenologia, Sposito (2000) diz que a fenomenologia utiliza "técnicas não quantitativas, como entrevistas livres, depoimentos, vivências, memórias, narrações, históricas de vida etc. O concreto "é colocado em suspensão para que se alcance o eu puro, frente ao qual está o fenômeno puro." (SPOSITO, 2000, p. 351)

A noção de ciência na fenomenologia se baseia no método hermenêutico que busca captar o significado dos fenômenos desvendando seus sentidos utilizando-se de uma capacidade de reflexão rigorosa sobre o fenômeno, com o intuito de encontrar a essência. Dessa forma, pretende-se buscar o fundamento do lado do sujeito e não do objeto, busca-se a subjetividade, a compreensão da essência para além da aparência e a emersão da consciência. Nesse método onde a noção de historicidade é ausente, o homem é visto como ser inacabado que busca sua individualidade, e não se utiliza de

técnicas quantitativas para coletar informações, mas sim de entrevistas livres, memórias, vivências e depoimentos.

É possível destacar a influência desse método na Geografia através da corrente humanista, voltada à percepção, representações e recortes culturais, podendo ressaltar Yi Fu Tuan e Lynch.

Com relação à abordagem hermenêutico-fenomenológica, a qual tem como base o método fenomenológico, é possível ressaltar que essa abordagem vem se efetivando na Geografia através de uma corrente humanista voltada à percepção e a recortes culturais, sendo, portanto recente a sua adoção em pesquisas geográficas. Podemos refletir acerca desse método que busca a capacidade de reflexão rigorosa sobre o fenômeno, enfatizando o sujeito e sua subjetividade, onde é ausente a noção de historicidade. Assim, o espaço pode ser visto como espaço do sujeito, da memória, da percepção.

A Geografia Humanista surgiu na década de 1970 e a Geografia Cultural na década de 1980.

Contrariamente às geografias crítica e teórico-quantitativa, por outro lado, a Geografia Humanista está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real. (CORRÊA, 2003, p. 30)

Para essa corrente, o lugar passa a ser conceito chave, a paisagem é revalorizada e o conceito de território tem uma de suas matrizes. Já o espaço, para alguns autores, passa a ter significado de espaço vivido. Para isso, no estudo do espaço são considerados os sentimentos espaciais e as idéias de grupo ou de povo. (CORRÊA, 2003)

## 6. Considerações finais

Os métodos apresentados, Positivista, Materialista Histórico-Dialético e Fenomenológico são os mais presentes na Ciência geográfica. Esta apresenta, juntamente com esses métodos diferentes formas de investigação da realidade, as quais não nos cabe julgar boas

ou más, mas sim julgar quais os elementos significativos que nos fornecem para a realização de pesquisas científicas afim de garantir uma melhor compreensão da realidade. O método deve atender aos interesses e necessidades do pesquisador. Vários são os procedimentos metodológicos que podem ser adaptados ao contexto, fazendo-se ímpar e necessário o equilíbrio entre elas.

A chave, portanto, está em saber com que finalidade, com que frequência e em que contexto os métodos e metodologias são utilizados para uma pesquisa de qualidade.

## 7. Referências Bibliográficas

ABBAGNAGNO, N. **Dicionário de filosofia**. 4 ed. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por A. Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos I. C. Benedetti – 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRÜGGER, W. **Dicionário de filosofia**. Tradução de A. P. Carvalho. 2.ed. São Paulo: Herder, 1969.

COMTE, A. **Curso de Filosofia Positiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CORREIA, R. L. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs). **Geografia: conceitos e temas**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

GAMBOA, S. A dialética na pesquisa em Educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1991, p. 91-116.

GEORGE, P. **Os métodos da geografia**. São Paulo: Difel, 1972.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

JOHNSTON, R. J. (ed.). **The Dictionary of Human Geography**. Oxford: Blackwell, 1994.